

Júlio César Suzuki *Geografia, Literatura e Arte*, v.2, n.1, p. 1-4, jan./jun.2020
Gilvan Charles Cerqueira de Araújo DOI: 10.11606/issn.2594-9632.geoliterart.2020.176099
Rita de Cássia Marques Lima de Castro

**GEOGRAFIA, LITERATURA E ARTE:
ENTRE VIVÊNCIAS, EXPERIÊNCIAS E EXPRESSÕES**

**GEOGRAPHY, LITERATURE AND ART:
AMONG LIVINGS, EXPERIENCES AND EXPRESSIONS**

**GEOGRAFÍA, LITERATURA Y ARTE:
ENTRE VIVENCIAS, EXPERIENCIAS Y EXPRESIONES**

Júlio César Suzuki

Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

Gilvan Charles Cerqueira de Araújo

Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

Rita de Cássia Marques Lima de Castro

Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

No primeiro número de 2020, a Revista Geografia, Literatura e Arte continua seu caminho por novas paragens, encontros, expressões artísticas e formas de linguagem. À geoliteratura e à geopoética, somam-se o imagético, o pictórico, o sonoro e o corpóreo em dialogia de reflexões, práticas e experiências. Teatro, música, educação, jornalismo, cultura popular, cartografia, múltiplas e diferentes vozes são alguns dos temas que serão encontrados nos trabalhos dessa edição da Geoliterart.

Em *Afetividades e deslocamentos LGBT na/para Região Metropolitana da Grande Vitória – Espírito Santo*, de autoria de Matheus de Oliveira Fernandes Adão, encontramos reflexões envolvendo o deslocamento de estudantes LGBTQI+ da Universidade Federal do Espírito Santo. Por meio de minuciosa análise cartográfica, recolhimento de depoimentos e arcabouço teórico e metodológico sobre gênero e sexualidade, o autor realiza profícuos debates sobre identidades, temor, territorialidades,

corporeidade, deslocamentos em novas vivências e experiências para esses estudantes, em sua lida diária com o um mundo heteronormativo.

Geografia e Literatura, juntas, representam a essência de um pensar e fazer interdisciplinar, expressos em *A cartilha deserto verde no Rio de Janeiro como recurso didático no ensino de Geografia e Literatura*. Débora Ventura Klayn Nascimento e Thiago Lucas Alves da Silva propõem um rico debate, que coloca, a um só tempo, tanto monocultura do eucalipto como as aberturas crítico-educacionais passíveis de exploração de tal temática trabalhada pelos autores entre biodiversidade, conservação e metodologias de ensino que promovam a criatividade dos estudantes.

Em *Floninha e sua turma: proposta de Educação Ambiental a partir do teatro de fantoches*, teatro, unidade de conservação e estratégias didático-pedagógicas são colocadas no mesmo plano de teoria e prática. Tamiris Regina Ribeiro Souza de Souza articula referenciais legais, curriculares, dados geoambientais, e teatro de fantoches para unir questões de conservação, relação sociedade e natureza, biodiversidade e Educação Ambiental tendo referências à Flona MX, Floresta Nacional Mário Xavier, localizada na região metropolitana do Rio de Janeiro, mais especificamente no município de Seropédica.

O poema *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, é o foco da análise geoliterária de José Elias Pinheiros Neto, Júlio César Suzuki e André Luiz Martins de Lima. A consolidação da geoliteratura e geopoética perpassa o aprofundamento teórico-conceitual e analítico-metodológico da categoria geográfica paisagem. A revisão de literatura realizada pelos autores perfaz essa união entre paisagem e literatura por meio de imagens poéticas cabralinas entre expressões paisagísticas dos modos de existência e experiências do vivido.

Sergio Ricardo Fiori, em seu artigo *Arte pictórica e cartografia turística: a eficácia e a ludicidade dos mapas de orientação para o visitante*, convida o leitor a uma grande viagem histórica e cartográfica. O autor traça um minucioso trajeto de elementos pictóricos em projeções cartográficas, tendo como sentido a reflexão posta sobre a relação de tais mapas com os caminhos turísticos neles existentes, em um diálogo

cronológico, corológico e dos modos de existência nas paisagens e culturas da cartografia turística que explora e nos apresenta.

O lugar do sertão e o sertão como lugar, tal é a premissa das reflexões apresentadas por Ariel Roemer no artigo *O lugar do sertão em Ariano Suassuna: Uma leitura geográfica sobre a representação de sertão na obra Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*. Materialidade e imaterialidade do sertão são colocadas no mesmo plano analítico do autor em uma análise do realismo grotesco de Suassuna presente nas concepções, significações e contradições em relação aos muitos sertões do dramaturgo paraibano presentes em suas peças.

Em continuidade aos trabalhos dessa edição da Geoliterart, apresenta-se o artigo *Geografia da População e Literatura: sobre a viabilidade desse encontro e seus possíveis resultados*, de José Carlos Milléo. O autor mobiliza e articula ideias como estudos populacionais, espaço vivido, existência, experiências e camadas para além do imagético e seus sentidos presentes na panorâmica da paisagem; com vistas à extrapolação do geométrico e mensurável na união entre o concreto e o abstrato, materialidade e imaterialidade da existência das populações expressos na(as) paisagem(ens).

Os debates geoliterários seguem no artigo de Sheila Regina Alves Carvalho, intitulado *O jornalismo literário como subsídio para a compreensão da geografia do livro na literatura brasileira: o flunar machadiano pelas redações do século XIX*. Mapear as crônicas de Machado de Assis, tanto pelos lugares de criação como o flunar machadiano pelas redações cariocas é o foco da análise da autora. Esse percurso reflexivo analítico resulta na questão central do artigo que se envereda pelo papel central do jornalismo literário na consolidação da literatura nacional brasileira.

Em *A Rosa de Hiroshima na voz de e no corpo de Ney Matogrosso*, de João Victor Medeiros Barbosa, há a reflexão entre poesia, música, corpo e performance. O autor nos apresenta pela voz e expressões de Ney Matogrosso um além-significado do que outrora fora escrito por Vinicius de Moraes, em sua *Rosa de Hiroshima*, em 1946, por meio de um arranjo teórico e rimas simbólicas em (des)encontros, projeções

imagéticas e imersões do espetáculo no diálogo entre os versos, o canto e suas significações.

A expressividade artística do grafite é foco do artigo final dessa edição da revista Geoliterat. Esse é o ponto de partida de Letícia de Souza Blanco e Elisabete Gonçalves de Souza, trabalhado em *O grafite e a formação do espaço geográfico urbano*. O(s) traço(s), marca(s), cor(es), identidade(s) e crítica(s) são relacionados entre si pelas autoras, na (re)construção do espaço urbano e ressignificação dessa expressão artística, especialmente o potencial de sua linguagem e expressividade social e artística entre arte e educação.

Nas expressões geoarteliterárias, Carlos Rodrigues Brandão apresenta seus versos em *Somos uma gente que semeia e cria*, com rica construção poética e lírica, mediada pela imersiva experiência criativa, o que é generosamente presenteado aos leitores.

Na seção das resenhas, há a contribuição *A geopoética de Raquel de Queiroz*, em que Beatriz Santos de Souza realiza uma análise da obra *Geografia Literária em Raquel de Queiroz*, de Tiago Vieira Cavalcante, que trata dos romances da autora cearense, focados em personagens, vivências e cenários ficcionais inspirados na realidade nordestina.

Reforçam-se, na trilha dos artigos dessa edição, o convite aos leitores à apreciação, às reflexões, às experiências e às práticas geoliterárias, geoartísticas e geoestéticas. Caminhos multiplicam-se, possibilidades avolumam-se e laços e pontes de criação, reflexão, análise e experiência são revelados, em que o passo inicial seja Geografia, Literatura e Arte, com destinações diversificadas, dialógicas em devir criativo por entre tais caminhos.

Recebido em 12/10/2020.

Aceito em 12/10/2020.

Publicado em 15/10/2020.